

Revista da Universidade Ibirapuera

Volume 32 – Julho/Dezembro de 2026

Páginas 71 a 79

Vinícius Lino Rocha
Universidade Ibirapuera
vinnyrocha95@gmail.com

Bruno Gomes Pereira
Universidade Ibirapuera
bruno.pereira@ibirapuera.edu.br

Diego Moreira
Universidade Ibirapuera
diego.moreira@ibirapuera.edu.br

Diversidade como Desafio para a Construção de Processos de Singularização nas Instituições Escolares

Resumo:

Este artigo tem como objetivo explorar a relação entre diversidade e singularidade na educação, considerando a dimensão ideológica. A fundamentação teórica está alojada no campo dos estudos da educação, especialmente no que se refere às discussões sobre singularização escolar. A metodologia é do tipo bibliográfico, partindo do princípio de que colocamos diferentes autores para dialogar e, com isso, complexificar o objeto de investigação. A pesquisa reforça a ideia de que as concepções ideológicas influenciam a formação das subjetividades e impactam nas instituições escolares de maneira direta. Assim, consideramos a importância dos processos de singularização como forma de resistência e criação para evitar a repetição de eventos históricos violentos, destacando as instituições escolares como "máquinas de produção de subjetividades", ao serializar os indivíduos para desempenhar papéis sociais.

Palavras-chave: Diversidade; Educação; Ideologia; Singularidade

Abstract:

This article aims to explore the relationship between diversity and uniqueness in education, considering the ideological dimension. The theoretical foundation is housed in the field of education studies, especially with regard to discussions about school singularization. The methodology is of the bibliographic type, assuming that we bring different authors into dialogue and, with this, complicate the object of investigation. The research reinforces the idea that ideological conceptions influence the formation of subjectivities and directly impact school institutions. Thus, we consider the importance of singularization processes as a form of resistance and creation to avoid the repetition of violent historical events, highlighting school institutions as "machines for producing subjectivities", by serializing individuals to play social roles.

Keywords: Diversity; Education; Ideology; Singularity.

1. Introdução

Discutir sobre o processo singularização é, ainda, um ponto frágil das instituições de ensino formal no país. Isso porque a diversidade no âmbito educacional desperta diferentes gatilhos, seja a partir da ideia de inclusão, seja a partir da ideia de multiculturalismo. Com isso, pensar a singularização enquanto processo é reconhecer as fragilidades de uma cultura de exclusão, alimentada secularmente (Guattari; Rolnik, 1996).

O objetivo deste artigo é explorar a relação entre diversidade e singularidade na educação, considerando a dimensão ideológica. Isso porque, ao estabelecermos uma relação entre o ser diverso e o espaço singular, estamos reconhecendo as diferentes faces que a escola pode assumir diante de uma sociedade em transformação.

A fundamentação teórica está alojada no campo dos estudos da educação, especialmente no que se refere às discussões sobre singularização escolar (Guattari; Rolnik, 1996; Gusdorf, 2003; Imbernón, 2016; Krenak, 2020). Entendemos que este aporte teórico pode nos dar condições de complexificar alguns conceitos pertinentes à discussão aqui travada.

A metodologia é do tipo bibliográfico, partindo do princípio de que colocamos diferentes autores para dialogar e, com isso, complexificar o objeto de investigação. Esta tipologia metodológica é caracterizada pela sistematização de leituras que possam intensificar o olhar crítico a partir da temática apresentada (Pereira; Angelocci, 2021).

Por fim, consideramos a importância dos processos de singularização como forma de resistência e criação para evitar a repetição de eventos históricos violentos, destacando as

instituições escolares como "máquinas de produção de subjetividades", ao serializar os indivíduos para desempenhar papéis sociais.

2. Diversidade e Processos de Singularização: Alguns Apontamentos

A diversidade é um desafio para a construção de processos de singularização nas instituições escolares, visando evitar a repetição de atrocidades como Auschwitz. O processo educativo é complexo e envolve diferentes perspectivas em relação aos seus objetivos. Alguns defendem a educação como um processo de formação das pessoas de acordo com suas potencialidades individuais, o que chamamos de singularização. Por outro lado, há aqueles que veem a educação como um meio de moldar os indivíduos de acordo com padrões preestabelecidos pela sociedade, o que chamamos de subjetivação (Guattari; Rolnik, 1996; Gusdorf, 2003; Imbernón, 2016; Krenak, 2020).

Nesse contexto, as instituições escolares muitas vezes são vistas como "máquinas de produção de subjetividades", em que os indivíduos são serializados para desempenhar determinados papéis sociais. No entanto, é necessário repensar esse modelo e buscar caminhos que promovam a diversidade e a singularização, para evitar a repetição de atrocidades históricas como as ocorridas em Auschwitz. Neste caso, é pertinente explorar a relação entre a diversidade, os processos de singularização nas instituições escolares e a prevenção de repetições de eventos traumáticos (Krenak, 2020).

Esta reflexão é de extrema importância, mas, muitas vezes, fica obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, senão quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim, é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado aonde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos. Milhões de pessoas inocentes foram assassinadas de uma maneira planejada. Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente (Gusdorf, 2003).

No entanto, diante dessas dificuldades, é imprescindível empreender esforços na reflexão sobre a prevenção de atrocidades semelhantes a Auschwitz. Compreender os mecanismos subjacentes que levam os indivíduos a cometerem tais atos desumanos é de vital importância. A educação desempenha um papel crucial nessa empreitada, oferecendo oportunidades para uma autorreflexão crítica desde a infância. Ao promover uma educação voltada à consciência histórica e o questionamento das estruturas de poder, podemos criar

uma base sólida para a construção de uma sociedade mais vigilante e comprometida com a prevenção dessas tragédias (Imbernón, 2016).

No entanto, a busca por evitar a repetição de Auschwitz enfrenta obstáculos significativos. A cultura dominante exerce uma pressão constante para silenciar as vozes críticas e perpetuar sistemas de opressão. Além disso, a sociedade contemporânea apresenta tendências preocupantes de desagregação social, em que o individualismo e a indiferença são incentivados, de modo a dificultar a formação de uma consciência coletiva capaz de prevenir a repetição de episódios históricos trágicos.

Diante dessas complexidades e desafios, é fundamental investigar as dinâmicas sociais e estruturais que contribuem para a repetição de atrocidades como Auschwitz. Isso requer o fomento de uma educação crítica, voltada para a formação de indivíduos conscientes, capazes de questionar as narrativas hegemônicas e agir de forma responsável em busca de um mundo mais justo e humanitário. Para superar esses desafios, é necessário o engajamento coletivo de diferentes setores da sociedade e a promoção de uma cultura que valorize o respeito, a empatia e a diversidade. Somente assim poderemos romper com a indiferença e evitar que tragédias históricas se repitam, construindo um futuro mais promissor para as gerações vindouras (Imbernón, 2016; Krenak, 2020).

3. Problematicando sobre a Teoria do Capital Humano: Resenhando Saberes Teóricos

Ao analisar o livro “Da promessa de futuro à suspensão do presente: a teoria do capital humano e o Pisa na educação brasileira”, de Dalila Andrade Oliveira (2020), é possível estabelecer as bases para uma reflexão crítica sobre a teoria do capital humano e a participação do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). O primeiro capítulo da obra apresenta a relevância do tema, destacando a importância da educação como fator-chave para o desenvolvimento de um país e as expectativas de melhoria dos indicadores educacionais. No entanto, a autora problematiza a visão da teoria do capital humano, evidenciando como ela pode ser utilizada para legitimar desigualdades sociais e econômicas, negligenciando as condições socioeconômicas e políticas que afetam o acesso à educação de qualidade. Além disso, Oliveira (2020) aborda a participação do Brasil no Pisa, uma avaliação internacional que compara o desempenho dos estudantes em diferentes países, discutindo os resultados obtidos e seu impacto na formulação de políticas educacionais.

Dessa forma, Oliveira (2020) acrescenta uma perspectiva importante à reflexão sobre a prevenção de atrocidades como o genocídio de Auschwitz apontado por Adorno (1995). Ao examinar as bases teóricas que moldam as políticas educacionais e as práticas pedagógicas,

o estudo da autora destaca a necessidade de considerar as implicações da teoria do capital humano e do Pisa na realidade educacional brasileira. Essas abordagens, embora aparentemente relacionadas à melhoria dos indicadores educacionais, podem esconder desigualdades e negligenciar os fatores socioeconômicos e políticos que afetam o acesso equitativo à educação de qualidade.

Como se destaca anteriormente sobre a noção de desenvolvimento ligada à industrialização do país e a defesa da escola pública no Brasil. No entanto, é importante fazer algumas distinções para aprimorar a análise. Em primeiro lugar, é necessário considerar o papel da escola, conforme defendido pelos desenvolvimentistas, que buscavam a inserção da juventude no mercado de trabalho. Além disso, a recepção da teoria do capital humano no Brasil, documentada e analisada, ocorreu por meio de estudos conduzidos por Carlos Geraldo Langoni, que incorporou apenas alguns aspectos dessa teoria. É relevante ressaltar que a teoria do capital humano hoje ganha renovado apelo e força, com uma presença mais ampla e abrangente do que décadas atrás. Nesse sentido, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), conforme definido por Oliveira (2020), se torna sua expressão mais completa e refinada.

No entanto, ao abordar o tema da diversidade como desafio para a construção de processos de singularização nas instituições escolares, é essencial considerar não apenas a necessidade de inserção no mercado de trabalho, mas também a valorização da pluralidade de identidades, experiências e culturas. Para evitar a repetição de atrocidades como Auschwitz, é fundamental que as escolas adotem uma abordagem inclusiva e promovam um ambiente acolhedor, respeitoso e igualitário para todos os estudantes, independentemente de sua origem étnica, religião, orientação sexual ou qualquer outra forma de diversidade. Além disso, é necessário desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a singularidade de cada aluno, reconhecendo suas potencialidades e proporcionando oportunidades de aprendizado significativo. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde as atrocidades do passado não se repitam (Guattari; Rolnik, 1996).

Ao incorporar a crítica da teoria do capital humano e a discussão sobre o Pisa, podemos ampliar nossa compreensão dos desafios enfrentados na prevenção de atrocidades históricas e na construção de um futuro mais justo. Afinal, a educação desempenha um papel central na formação de uma consciência coletiva, na promoção da igualdade e na valorização da diversidade. Ao refletirmos sobre a realidade educacional e as políticas influenciadas por essas abordagens, podemos identificar oportunidades de transformação e promover uma educação verdadeiramente inclusiva, capaz de romper com ciclos de desigualdade e contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com a prevenção de atrocidades (Gusdorf, 2003; Imbernón, 2016).

O processo educativo é complexo e envolve diferentes visões sobre seus objetivos de acordo com o filósofo Read (1982 apud Gallo, 2010), existem duas tendências opostas: aqueles que educam para que o ser humano se torne o que é e aqueles que educam para que o ser humano se torne o que não é. Isso significa que a educação pode ser vista como um processo de singularização, no qual as pessoas são formadas de acordo com suas potencialidades individuais, ou como um processo de subjetivação, no qual os indivíduos são moldados de acordo com padrões predefinidos socialmente. No entanto, a discussão levantada por Read (1982 apud Gallo, 2010) revela que os sistemas educacionais muitas vezes são concebidos como "máquinas de produção de subjetividades", que fabricam indivíduos para desempenhar papéis esperados pela sociedade, limitando a criação e a auto invenção.

Essa noção de produção em massa de subjetividades tem sido amplamente abordada como a dimensão ideológica da educação. De acordo com Gallo (2010), a ideologia é vista como o conjunto de ideias dominantes em uma determinada organização social, que atende aos interesses da classe socialmente dominante. Marx e Engels descreveram a ideologia como uma forma de "falsa consciência", na qual as ideias invertiam a realidade e mascaravam a exploração existente.

No entanto, Gramsci (2002) apresentou uma visão mais positiva da ideologia, entendendo-a como um elemento fundamental para a manutenção da coesão social. Segundo ele, a ideologia funciona como uma "visão de mundo" que unifica e cimenta um bloco social, sendo transmitida aos indivíduos desde a infância. Assim, a maioria das pessoas participa de uma ideologia sem contribuir para sua criação, adotando o ideário da classe social à qual pertencem. Esse processo de transmissão ideológica limita a capacidade de questionamento e criação individual.

Portanto, ao considerarmos a crítica da teoria do capital humano, a discussão sobre o Pisa e a reflexão sobre a ideologia na educação, é possível ampliar nossa compreensão dos desafios e oportunidades presentes na construção de um sistema educacional mais justo e inclusivo (Gusdorf, 2003).

A análise do livro de Oliveira (2020) nos convida a repensar as bases teóricas e práticas que norteiam as políticas educacionais, evidenciando a necessidade de considerar as desigualdades sociais e econômicas que afetam o acesso equitativo à educação. Ao mesmo tempo, destaca a importância de valorizar a diversidade e adotar práticas pedagógicas que promovam a singularidade de cada estudante, criando um ambiente de aprendizado acolhedor e igualitário.

Essa reflexão nos leva a repensar o propósito da educação e o papel das escolas na formação dos indivíduos. A discussão sobre as diferentes visões de educação apresentadas por Herbert

Read (1982 apud Gallo, 2010) nos alerta para a necessidade de questionar os modelos predefinidos que moldam os alunos, incentivando a criação de espaços educacionais que valorizem as potencialidades individuais e incentivem a auto invenção. Romper com a ideia de "máquinas de produção de subjetividades" e promover uma educação que estimule o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia dos estudantes é essencial para a construção de uma sociedade mais consciente e engajada na prevenção de atrocidades.

Dessa forma, ao considerarmos a crítica da teoria do capital humano, a discussão sobre o Pisa, a reflexão sobre a ideologia na educação e a valorização da singularidade de cada indivíduo, ampliamos o panorama das possibilidades de transformação do sistema educacional. Ao promover uma educação inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade, e ao adotar práticas pedagógicas que estimulem a autenticidade e o pensamento crítico, contribuiremos para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e comprometida com a prevenção de atrocidades. A educação, nesse sentido, desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes, capazes de contribuir para um futuro melhor (Krenak, 2020).

4. Considerações Finais

Ao abordar o tema da diversidade como desafio para a construção de processos de singularização nas instituições escolares, é fundamental considerar não apenas a necessidade de inserção no mercado de trabalho, mas também a valorização da pluralidade de identidades, experiências e culturas. A fim de evitar a repetição de atrocidades como o genocídio de Auschwitz, as escolas devem adotar uma abordagem inclusiva e promover um ambiente acolhedor, respeitoso e igualitário para todos os estudantes, independentemente de sua origem étnica, religião, orientação sexual ou qualquer outra forma de diversidade. Além disso, é necessário desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a singularidade de cada aluno, reconhecendo suas potencialidades individuais e proporcionando oportunidades de aprendizado significativo.

Ao incorporar a crítica da teoria do capital humano e a discussão sobre o Pisa, ampliamos nossa compreensão dos desafios enfrentados na prevenção de atrocidades históricas e na construção de um futuro mais justo. A educação desempenha um papel central na formação de uma consciência coletiva, na promoção da igualdade e na valorização da diversidade. Refletir sobre a realidade educacional e as políticas influenciadas por essas abordagens nos permite identificar oportunidades de transformação e promover uma educação verdadeiramente inclusiva, capaz de romper com ciclos de desigualdade e contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com a prevenção de atrocidades.

No entanto, é importante reconhecer que o processo educativo é complexo e envolve diferentes visões sobre seus objetivos. De acordo com Read 1982 apud Gallo, 2010), existem duas tendências opostas: aqueles que educam para que o ser humano se torne o que é e aqueles que educam para que o ser humano se torne o que não é. Essas perspectivas destacam a dualidade na concepção da educação como um processo de singularização, que valoriza as potencialidades individuais, ou como um processo de subjetivação, que molda os indivíduos de acordo com padrões predefinidos socialmente.

Essa noção de produção em massa de subjetividades está relacionada à dimensão ideológica da educação. A ideologia pode ser entendida como o conjunto de ideias dominantes em uma determinada organização social, que atende aos interesses da classe socialmente dominante. Enquanto alguns teóricos, como Marx e Engels, descreveram a ideologia como uma forma de "falsa consciência" que mascara a exploração existente, outros, como Gramsci (2002), a entenderam como uma "visão de mundo" que unifica e cimenta um bloco social. A transmissão ideológica ocorre desde a infância, limitando a capacidade de questionamento e criação individual, e reforçando os ideais da classe social à qual as pessoas pertencem.

Em suma, a reflexão crítica sobre a teoria do capital humano, o Pisa e a educação em geral nos permite compreender a importância de uma abordagem inclusiva e valorizadora da singularidade de cada indivíduo. Superar a reprodução de desigualdades e evitar a repetição de atrocidades do passado exige uma transformação profunda nas práticas educacionais e políticas públicas. Ao promover uma educação que valorize a diversidade, estimule o pensamento crítico e fomente a consciência coletiva, construiremos um futuro mais justo e resiliente.

5. Referências Bibliográficas

- ADORNO. Theodor. W. Educação após Auschwitz”. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GALLO. Silvio. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 2, maio/ago, p. 229-244, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. Os cadernos do cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUSDORF, Georges. Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia. Tradução M. F. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- IMBERNÓN, Francisco. Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- PEREIRA, Bruno Gomes; ANGELOCCI, Marina Ariento. Metodologia da Pesquisa. Pará de Minas (MG): Editora VirtualBooks, 2021.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. Da promessa de futuro à suspensão do presente: A teoria do capital humano e o Pisa na educação brasileira. Petrópolis: Vozes, 2020.

